

A EXISTÊNCIA, O PERFIL DOS ALUNOS DOS TERCEIROS ANOS DE PEDAGOGIA E ALGUMAS PERGUNTAS TALVEZ IMPERTINENTES.

Carlos COIMBRA *
Marlene FEITOSA **
Waldir ABREU **

INTRODUÇÃO

Este artigo constitui um estudo sobre o nosso primeiro trabalho do ano acadêmico na UEPA, com as turmas do 3º ano das 3 licenciaturas de Pedagogia. Ele é um dos resultados do grupo de estudo constituído pelo professor da Disciplina e os dois monitores concursados, que por sua vez já são licenciados em uma habilitação e estão este ano em busca de outra licenciatura.

É uma tentativa de voltar, desenvolver e aplicar um dos temas fortes da “Introdução à Filosofia” - *a existência de cada um*, esta existência fugidia, feita de “subjetividade” como descrevem *Agostinho*¹, *Pascal*², *Kierkegaard*³, *Sartre*⁴, *Heidegger*⁵ que nos diferencia dos objetos com os quais nos defrontamos “objetos para mim” e que nos fazem experimentar a nós mesmos como “sujeitos”, individuais, singulares, relacionados conosco mesmos. Percebemos que a filosofia neste domínio é inseparável da experiência, e portanto equívale a um exercício de sabedoria, um aprendizado acerca de nós mesmos, de nossos atos, de nossas paixões, de nossos projetos, de nossa teoria e de nossa prática. Nós mesmos nos tornamos objeto de indagação, de reflexão. Reencontramos o imperativo *Socrático* do auto-conhecimento necessário ao exercício da Filosofia. Neste sujeito, vamos encontrar uma série de “estados emocionais” ou “fenômenos psicológicos”, cujas propriedades podemos constatar como desejo, alegria, felicidade, amor,

ódio, medo, coragem, lembranças, sonhos, fantasias..., mas estes fenômenos ou, estados de consciência são apenas uma parte da realidade do sujeito, centro de referência da percepção, das recordações, dos juízos, dos raciocínios... É a realidade irreduzível, subsistente, concreta, não terminada, pessoal de cada um de nós que nos interessa agora e que chamamos de “existência”. Na análise fenomenológica do *Primeiro Heidegger* do “Ser e Tempo/Sein und Zeit”⁶, esta existência humana denominada de “Ser-ai/Dasein” mostra que o homem não é, mas está sendo, e parte da existência para uma possibilidade de ser. Esta existência desoculta-se mundanamente, secularizada como “ser-no-mundo/in-der-Welt-sein”, sendo esta categoria um paradigma de um ser em situação, que se realiza em vários níveis entre os quais, seu corpo, seus relacionamentos inter-individuais, nas categorias de espaço/tempo social, etc. Aparece

*Pesquisador professor de Filosofia da Educação II e Filosofia Contemporânea-Cursos de Pedagogia e Fisioterapia/UEPA

**Estudantes do curso de Pedagogia/UEPA e monitores da disciplina Filosofia da Educação II CCSE/UEPA

¹Agostinho S., Confissões. Ver MIGNE P.L. vol. 32/47

²Pascal, Pensamentos, Ed. Difusão Européia do Livro, S.P. 1961, principalmente nos números. 194 e 339.

³Kierkegaard S., Post-Scriptum aux Miettes Philosophiques, in Gesammlt Werk, Ed. Hirsh, Düsseldorf-Colônia 1951.

⁴Sartre J.P. L'être et le Néant, Ed. Gallimard, Paris, 1943.

⁵Heidegger M., Sein und Zeit, Ed. Max N Verlag, Tübingen, 1963.

⁶Heidegger M., ibidem, ver a análise a partir da Erster Teil pg 41 e seq.

também aberto às coisas e aos outros como “ser-com-mit-sein”, como “ser-em/in-sein”, preocupado “die Sorge als Sein des Dasein”, este “sorge” que os espanhóis gostam de traduzir como “quefazer”, “incumbência”, “cura”, querendo significar que não se limita a se colocar face a face com as coisas, mas é ontologicamente assinalado pelo fato de se colocar em jogo em seu próprio ser, sendo um ser que compreende seu próprio ser. Mas o horizonte fundamental do “Dasein” é a temporalidade/Zeitlichkeit”, a historicidade/Geschichtlichkeit”. A temporalidade e a historicidade o fazem aparecer como um projeto, como um feixe de possibilidades, como um “poder-ser/Seinkönnen” e por conseguinte contando com um “estado-de-resultado/Entschlossenheit” e o “poder-ser-total/Ganzseinkönnen” que abrem perspectivas para seus projetos, suas possibilidades (fáticas), para suas escolhas, nas quais pode ganhar-se” ou “perde-se”, isto é, “parecer que ganha”. Mas porque situa-se fundamentalmente no tempo, desoculta-se em sua autenticidade, quando assume sua dimensão de “ser-para-morte/Das Sein in zum Tode”⁷. Foi esta existência que procuramos refletir no primeiro trabalho do ano acadêmico, em alguns segmentos sugeridos pelo esquema, que nos deu a possibilidade de trabalhar um possível “perfil das turmas”.

Este retorno à existência nos conduziu também à descoberta do óbvio esquecido, de “que o professor é também uma pessoa”⁸, como proclamou em 1984 *Ada Abraham*, isto é uma existência, provocando uma virada com força explosiva na literatura e na pesquisa educacional e recolocando o professor e sua existência no centro do debate educativo. Isso faz progressivamente com que a atenção exclusiva às práticas de ensino venham ser completadas por um olhar, uma reflexão sobre a existência pessoal do professor, como observa *A. Nóvoa*⁹ em 1992. Nesta linha *J. Nias* em 1991 afirmava que “O professor é uma pessoa, e uma parte importante da pessoa é o professor”¹⁰. Como é que cada pessoa se tornou o professor que é hoje? ou, como é que ele vai se tornar professor amanhã? De que forma a ação pedagógica é influenciada pelas características, hábitos, valores, projetos, percurso acadêmico, familiar, pro-

fissional de cada professor? Estas perguntas nos orientam na reflexão e na construção da identidade existencial de cada um. Sabemos que a identidade além de trazer um dado genético adquirido, ter herdado, é também um lugar de lutas e conflitos, um espaço de construção de nossa maneira de ser e de agir, que se fazem lembrando a análise heideggeriana no “ser e no tempo”. Paradoxalmente, a profissionalização do ensino faz-se à custa deste saber existencial, como observa *A. Giddens* em 1991, através da “confiscação da experiência”¹¹. Sintomaticamente os anos 60 constituíram um período onde os professores foram ignorados, parecendo não terem existência própria enquanto fator determinado no processo educativo. Nos anos 70, eles foram “esmagados” sob o peso da acusação de apenas contribuírem para a “reprodução” das desigualdades e injustiças sociais¹². Nos anos 80, e ainda hoje, multiplicam-se as instâncias de controle dos professores em paralelo com o desenvolvimento das práticas institucionais de “avaliação”¹³.

Por isso apoiados nos estudos de *Cortois, Pineau e Nóvoa*, parece-nos fundamental fazer com que os professores e aprendizes de professores se apropriem, trabalhem seus saberes, emoções e desejos e os tomem como matéria de reflexão teórica e prática¹⁴. Assim trabalhamos com os terceiros anos, nas vésperas de saírem da Universidade e na Disciplina Filosofia da Educação II, escolhendo os seguintes parâmetros, à guisa de orientação preliminar:

⁷ Heidegger M., op. cit., *Ersies Kapitcl*, 46, pg 235 seg

⁸ Abraham A., Ed, *L'enseignant est une personne*, ESF Paris, 1984

⁹ Nóvoa A., Org., *Vidas de Professores* Ed. Porto, Porto/Potugal, 1992 pg. 15.

¹⁰ Nias J., *Changing Times, Changing Identities: Grieving for Los Self?* In: *Educational Research and Evaluation*, Ed. R. Burgess, The Falmer Press, London, 1991.

¹¹ Giddens A. *Modernity and Self Identity*, Poli Press. Cambtdige, 1991

¹² Althusser L., *Aparelhos ideológicos do Estado. Posições 2*, Ed. Graal, 1RJ, 1980; Bourdier/Passeron, *A reprodução* Ed. Francisco Alves, RJ, 1975; Baudclot/Establet *Escola capitalista na França*, Paris 1971. e outros.

¹³ Ball S. e Goodson I.F., *Teachers' Live and Careers*, Ed The Falmer Press, London, 1989.

¹⁴ Cortois B. e Pineau O., eds. *La formation expérientielle dos adultes*, La Documentation Française, Paris, 1991; Nóvoa A., op. cit. pg 17

I- Identificação: nome, idade, estado civil, horas de sono, saúde, trabalho, satisfação com a vida.

II- Experiência filosófica: Introdução à Filosofia, Filosofia da Educação I, aproveitamento/ avaliação pessoal, causas, professor, o que gostaria de estudar em Filosofia da Educação II.

III- Experiência estudantil: objetivo acadêmico, estudo de língua estrangeira, tempo e horário dedicado ao estudo da Filosofia da Educação II, modo de estudo, dificuldades, leituras, pesquisas, trabalhos publicados ou não, os porquês.

IV- Projeto de trabalho depois que sair da Universidade, porque, onde, como, com que finalidade.

V- Em que o professor da disciplina poderia ajudar.

VI- Espaço aberto para observações ou colocações pessoais.

Deixamos sem interferir, que os alunos respondam como quiserem, contando suas vidas, suas experiências, sonhos, frustrações, falando livremente. Pedimos para não consultarem livros, nem outras pessoas, mas ouviram somente a si mesmos.

O último esclarecimento que gostaríamos de fazer nesta Introdução, é que em 1994 e 1995, trabalhamos sobre este tema, numa pesquisa ampla, juntamente com outros colegas e estagiários, intitulada "O perfil socio-econômico cultural dos alunos da UEPA", abrangendo um maior número de situações, indicadores e variáveis, incluindo o econômico, social e político. Nos interessa agora, usando uma metodologia mais solta, que se aproxima das "histórias de vida" citadas acima, atualizar, especificar e aprofundar aspectos do assunto, tendo em vista as necessidades próprias da disciplina Filosofia da Educação II.

O PERFIL DO 3º ANO DE ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR

I - IDENTIFICAÇÃO GERAL:

O perfil do 3º ANO, que conta este ano de 1997 com 37 alunos matriculados, é ainda uma turma preponderantemente feminina (62,96%), mas já com uma porcentagem razoável (37,03%)

de representantes do gênero masculino. A idade preponderante nesta turma é de até 21 anos" (44,44%), mas temos uma representação significativa de pessoas adultas caracterizadas pessoas de 22 a 30 anos" (33,33%), e de outra parcela (22,22%) de pessoas com "mais de 30 anos". A idade máxima encontrada nesta turma é de 47 anos. Se somarmos estas duas últimas parcelas, temos um subtotal de 55,55 % de alunos com mais de 22 anos, que caracteriza uma maioria de pessoas adultas.

Quanto ao estado civil, a maioria absoluta é de solteiros (70,37%), com uma representação de 25,92% de casados¹⁶, e de apenas 3,70% de separados.

Quanto às horas de sono por dia, a maioria absoluta (66,66%) dorme menos de oito horas e apenas 29,62% dorme cerca de 8 horas diárias.

Quanto à saúde, a grande maioria (74,07%) declara que possui boa saúde, somente 18,51% diz possuir saúde regular e, apenas 7,40% confessa ter saúde insuficiente.

Quanto ao trabalho, a maioria absoluta (66,66%) trabalha e uma faixa de 33,33% não trabalha no momento. Destes que trabalham, a maioria absoluta (77,77%) trabalha em empresas públicas e apenas 22,22% em empresas privadas. deste conjunto de trabalhadores, somente 17,77% trabalha em atividades ligadas à educação (no magistério, supervisão, aulas de inglês...), e a grande maioria (72,22%) em "outras atividades" (a grande maioria é funcionário público, alguns autônomos e um cozinheiro). A grande maioria (83,33%) deste universo de trabalhadores, dispense de 6 a 8 horas de trabalho por dia no trabalho, 11,11% emprega menos de 6 horas por dia, e 5,55% mais de 8 horas por dia.

Quanto à satisfação diante da vida, a maioria (51,85%) se considera feliz (uma vez que felicidade para eles "é harmonia no ambiente", "um conceito relativo" "o equilíbrio entre os extremos"), 40,74% declara possuir uma vida média", e 7,40%

¹⁵Coimbra C., Braga L., De Souza M.P.S., Aires M.V., Lobato T., O perfil socio-econômico-cultural dos alunos da UEPA, Relatório de pesquisa, UEPA, Belém, 1993.

¹⁶Consideramos casados, o fato de viver juntos, numa relação duradoura.

não responderam.

II- EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA:

Quanto à INTRODUÇÃO À FILOSOFIA. A maioria (62,96%) declara que foi “regular”, 25,92% diz que foi “boa”, e 11,11% diz que foi insuficiente”. Os motivos principais citados foram dificuldade de transmissão do professor (25,92%), método muito rigoroso (18,51%), linguagem não acessível (18,51%), o primeiro contato com a disciplina (18,52%), a complexidade dos textos (14,81%). Notamos que as críticas se concentram em determinado professor, e que há uma porcentagem (25,52%) que discorda. Há um caso, em que a disciplina dada por outro professor, foi considerada “excelente”.

Quanto A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO I A situação inverte-se quase a totalidade da turma (85,18%) considera “boa” a experiência. Apenas 7,40% diz que foi “regular” e 11,11% diz que foi insuficiente”. Os motivos alegados: boa didática do professor (66,66%), conteúdo relacionado com a realidade (25,92%). Foi também citado o espírito crítico. Entre os motivos negativos, foram declarados em pequena porcentagem a falta de frequência do aluno, a colisão de horário que causou o abandono da disciplina.

O que gostaria de estudar em Filosofia: Foi aberta uma grande gama de interesses, desde a vida dos Filósofos relacionadas com a educação (29,62%), problemas de Moral/Ética como os valores e o poder (14,81%), tudo o que ajude na construção do conhecimento (11,11%), problemas cosmológicos como a criação. Educação contemporânea. Kant e Freud, Anarquistas, Clássicos, Marx e Gramsci, dialética, Filosofia Cristã, o problema da mulher, e Ufologia.

III-EXPERIÊNCIA ESTUDANTIL:

Quanto ao objetivo acadêmico: Quase a totalidade (85,18%) quer fazer pós-graduação. Apenas 3 alunos (11,11%) declara que por enquanto se contenta só com a graduação e um declara que é para melhorar o salário. 51,85% declara que quer fazer mestrado. 25,92% que quer fazer o doutorado e, um declara que em Administração Escolar quer fazer especialização, mestrado, doutorado, pós

doutorado, depois quer fazer Administração de Empresas na UNAMA, fazendo especialização mestrado, doutorado e pós doutorado, e ainda quer estudar Psicologia, Comunicação Social ou Letras.

No entanto, quanto ao estudo de línguas, a situação curiosamente se inverte : 88,88% não estuda nenhuma língua estrangeira, e apenas 11,11% estuda. Deste pequeno universo (11,11%) a totalidade estuda inglês, e um aluno estuda inglês e francês.

Quanto às horas que estudam ou pretendem estudar Filosofia da Educação II por semana:

18,55% estuda 4h. 18,55% estuda 2h., 14,81% estuda 3h., 7,40% estuda 5h., 3,70% estuda 14h., outros 3,70% estuda 6h, outros 3,70% estuda 1,30h. 29,62% tem dificuldade de determinar a hora, ou porque “não dá”, ou porque “depende da disponibilidade” ou “da necessidade”.

Quanto aos dias da semana, há uma concentração geral nos sábados e domingos.

Quanto ao modo de estudo : a maioria absoluta (70,37%) prefere o estudo individual, com auxílio de cadernos, livros, em silêncio, outros fazendo resumos e lendo em voz alta, ou na Biblioteca 22,22% diz que estuda individualmente ou em grupo dependendo do assunto ou do grau de dificuldade. E 3,70% diz que prefere estudar em grupo na Biblioteca.

Quanto às Leituras 70,37% declara que lê jornais e revistas, 44,44% lê livros técnicos / científicos indicados pelos professores, 29,62% lê romances e poesias, e 22,22% diz, que prefere leitura variada. Quanto às horas de leitura por dia 44,44% não especifica ou diz que depende, 14,81% diz que lê 2h por dia, 7,40% diz que lê 2h, 3,70% lê 6h. por dia, e outro 3,70% lê 0,30h.

Quanto à pesquisa 92,49% diz que já pesquisou de alguma forma, enquanto 7,40% declara que nunca pesquisou. No entanto a quase totalidade destas pesquisas foram trabalhos escolares, 7,40% declara que foram trabalhos no 1º e 2º grau, outros 7,40% diz que foi um projeto interdisciplinar, 3,70% que foi uma monografia, 14,81% explica que foi motivada por necessidade de trabalho e 22,22% por simples curiosidade. No entanto nenhuma destas “pesquisas” foi publicada.

Quanto aos trabalhos, 85,18% limita-se à tra-

balhos escolares. No entanto 7,40% diz que já escreveram artigos, outros 7,40% pequenos textos e outros 7,40% diz que escreveu poesias. 3,70% declara que já escreveu monografia, outros 3,70% diz que já escreveu um livro. No entanto 92,59% não publicou nada. Apenas um aluno (3,70%) diz que publicou um artigo numa revista, 7,40% não responderam.

IV- QUANTO AO PROJETO PROFISSIONAL PESSOAL:

A maioria absoluta (74,06%) quer trabalhar dentro de sua licenciatura, Administração Escolar, 37,03% dizem expressamente querer trabalhar dentro de sua profissão, lutando pela melhoria do ensino. por uma educação renovada, com planejamento participativo, desenvolvendo tudo o que puder aprender, outros 37,03% declaram querer montar sua própria escola, "a escola que queremos", seguindo a tendência "progressista", e um diz que quer montá-la na cidade em que nasceu, do maternal à 4ª série, com abertura para a Educação Especial; um quer montar uma escola evangélica 11,11% destes 37,03% que querem construir sua própria escola querem trabalhar com pessoas carentes e trabalhar com alfabetização de adultos. 22,22% declara que quer trabalhar não com Administração Escolar, mas com outros tipos de projetos educativos. Assim um (3,70%) quer através da Biopedagogia abrir uma clínica, outro ser orientador teórico/filosófico, outro trabalhar na SEDUC com projetos, outro abrir um curso de inglês, outro ensinar geografia, e outro tornar-se professor. Apenas um (3,70%) declara estar muito insatisfeito com o trabalho educativo e possivelmente procure outra profissão.

V - O QUE O PROFESSOR PODE AJUDAR :

48,14% Diz que orientando a busca do conhecimento e da pesquisa, tirando dúvidas. 29,62% destaca a ajuda na perspectiva de torná-los sujeitos críticos no pensar e no agir, 7,40% expressa a utilidade de socializar a experiência de vida, um (3,70%) a utilidade de tomar posições e não apenas citar bibliografia, outro destaca a ajuda no crescimento interior a fim de fortalece-los para as lu-

tas profissionais e pessoais, e outro deseja que a ajuda seja tão boa quanto o foi para sua mãe que também foi aluna do professor.

VI - OBSERVAÇÕES ABERTAS: 18,51% das observações livres se concentraram sobre a importância da Filosofia para entender a vida, esclarecer os problemas educacionais, para a formação teórica e prática do profissional, devendo ser ensinada desde o 2º. grau. 11,11% referem-se a importância do método empregado e agradecem a oportunidade de refletirem sobre sua própria existência e seu projeto educativo, 3,70% discorre sobre a importância de ter e ser amigo, outra (3,70%) refere-se sobre a importância de ser socrático, formulando perguntas e questões, e outra (3,70%) pede compreensão para os problemas pessoais que interferem na vida acadêmica.

O PERFIL DO 3º ANO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL.

I- IDENTIFICAÇÃO GERAL:

O 3º ano de EED, conta neste ano de 1977, com 23 alunos matriculados, todos mulheres (100%). A idade preponderante da turma é de "22 a 30 anos" (52,17%), seguida de 30.43% "até 21 anos, e com 17,39% de alunas "com mais de 30 anos". A idade máxima encontrada na turma foi de 48 anos e a mínima de 20 anos.

Quanto ao estado civil, a maioria absoluta (69,56%) é formada de solteiras, mas temos 30.43% de casadas.

Quanto às horas de sono por dia, detectamos uma parcela considerável (43,47%), que dorme "menos de oito horas por dia", mas 47,83% dorme "oito horas por dia, 8,70% dorme "mais de 8 horas"

Quanto à saúde, a maioria (65,21%) declara possuir "boa" saúde, 17,39% diz que tem problemas com a saúde, e 13,04% diz que a saúde é "regular". 4,34% não respondeu.

Quanto ao trabalho, uma considerável parcela (43,47%) trabalha, no entanto a maioria (56,52%) está fora do mercado de trabalho. Dos que trabalham. 40,00% está desenvolvendo trabalhos relacionados com a educação, mas a maioria (60,00%) desenvolve outros tipos de ativida-

des não relacionadas com a profissão, como trabalho no comércio, com vendas, autônomos, etc. A maioria deste universo de trabalhadores exerce suas atividades como autônomos ou em empresas privadas e a minoria em repartições públicas. Quanto às horas que empregam no trabalho a maior parcela (40,00%) trabalha “menos de 6 h”. 30% trabalha “de 6 a 8 h” e outros 30,00% “mais de 8 h” por dia.

Quanto à satisfação ou o prazer que sentem pela vida, 69,56% declara que “é feliz”¹⁷, 26,08% diz levar uma vida “média” e 4,34% se diz “média e feliz” alternadamente

II- EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA:

Quanto à INTRODUÇÃO À FILOSOFIA, a maioria (52,17%), declara que teve um aproveitamento “regular”, 21,73% diz que foi “bom”, e 17,39% o declara “insuficiente”, uma porcentagem de 8,69% não respondeu. Os motivos principais para não terem bom aproveitamento foram: a grande maioria (63,43%), dia que foi a “dificuldade do professor em passar o conteúdo” 36,53% alega “dificuldades em entender o assunto” ou “absorver o conteúdo”. A maioria coloca a culpa no professor.

Quanto à FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO I, a maioria (60,86%) afirma que foi “bom”. Mas 13,04% diz que foi “regular”, outros 13,04% afirma que foi “insuficiente”, 13,04% não respondeu. Os motivos alegados para o bom aproveitamento foram 82,49% “a boa didática do professor/a”, 17,48% diz que foi o “interesse dos assuntos abordados”. Como ponto negativo, aparece “o grande número de faltas” que um segundo professor teve.

Quanto ao que gostariam de estudar em Filosofia da Educação II, abre-se um grande leque de interesses, problemas de Filosofia da Educação (43,34%), história da filosofia e problemas relativos à morte (30,23%), sobre o cristianismo, ética e problemas familiares (12,04%), ainda são citados a lógica, os grandes filósofos, empirismo e filosofia da ciência (14,39%).

III- EXPERIÊNCIA ESTUDANTIL:

Quanto ao objetivo acadêmico, a grande maioria (82,60%) pretende fazer a pós-graduação e uma

pequena parte (17,40%) declara se contentar com a graduação apenas do universo dos que querem fazer pós-graduação, 31,57% querem fazer pós-doutorado, 31,57% o mestrado, outros 31,57% especialização, 5,26 % doutorado.

No entanto quanto ao estudo de uma língua estrangeira, 73,91% não cursa nenhuma língua estrangeira, e apenas 13,04% estuda inglês ou francês, 13,04% não respondeu.

Quanto às horas por semana que estudam ou pretendem estudar Filosofia da Educação II 21,73% estuda 3 horas, 17,34% estuda 2 horas, 13,04% estuda 6 horas, 8,70% estuda 5 horas, outros 8,70% estuda 4 horas, 4,34% estuda 1 hora e outro 4,34% estuda 8 horas. Porém, 21,73% não respondeu.

Quanto aos dias da semana em que estudam filosofia há uma preferência pelas terças feiras e pelos finais da semana. 3ª feira talvez, por ser o dia da aula de Filosofia.

Quanto ao modo de estudo, a maioria (69,57%) prefere estudar individualmente, no entanto 30,43% costumam estudar em grupo. Os que estudam individualmente usam cadernos, livros, uns em silêncio, outros em voz alta. Os que estudam em grupo estudam na biblioteca da faculdade, onde encontram livros para consulta.

Quanto às leituras, 86,95%¹⁸ declara ler jornais e revistas, 52,17% livros técnicos e científicos indicados pelos professores, 16,08% romances e poesias, mas 4,34% diz categoricamente que não lê. No que diz respeito ao tempo de leitura por dia: 13,04% lê 3 horas e outros 13,04% lê 2 horas, 8,70% lê apenas meia hora por dia, 4,34% 1 hora, outros 4,34% diz ler 5 horas. Mas a maioria (36,52%) não respondeu.

Quanto à pesquisa : 95,65% respondeu que já pesquisou, somente 4,35% diz que nunca pesquisou. No entanto, quase a totalidade destas pesquisas (90,90%) foram pesquisas de trabalhos escolares, 4,54% declara que foram pesquisas religiosas. Mas também outros 4,54% não respondeu. Quanto aos motivos das pesquisas, 90,90%

¹⁷ Para a maioria, “felicidade” é possuir bens materiais e superar as dificuldades da vida.

¹⁸ As percentagens deste item, são cumulativas, não exclusivas.

declara que foi a necessidade de fazerem trabalhos escolares 9,10% não respondeu. Destas pesquisas, 91,81% diz que não foi publicada e apenas 4,54% diz que publicou em revista, 13,64% não respondeu.

Quanto aos trabalhos escritos, 86,95% diz que já escreveu trabalhos, 8,69% diz que nunca escreveu, e 4,34% não respondeu. Dos que responderam afirmativamente, 85,00% declara que foram trabalhos escolares, 5% diz que foi um artigo, e 15,00% não respondeu.

IV- QUANTO AO PROJETO PROFISSIONAL PESSOAL:

39,13% quer trabalhar dentro da profissão (EE) dentre estes, 8,70% fala em abrir sua própria escola. Outros 8,70% quer lecionar. 17,40% quer logo se especializar, outros 8,70% quer fazer outro curso como Psicologia e Fonoaudiologia para maior embasamento profissional. outros 8,70% quer fazer pesquisas e 4,34% partir para doutorado em Educação.

V- O QUE O PROFESSOR PODE AJUDAR:

52,18% (a maioria) respondeu que orientando, abrindo novas idéias, acompanhando o desempenho. 17,38% diz que sendo o mediador de conhecimentos e informações, 8,70% envolvendo os alunos com a disciplina e ajudando-os a se desembaraçarem, 4,34% tornar o saber prazeroso, e outros 4,34% diz que já começou a ajudar formulando este trabalho. No entanto 13,04% declara que não sabe.

VI- OBSERVAÇÕES ABERTAS:

Em sua totalidade (100%), os alunos observam de vários modos, o papel da Filosofia ajudando a conquistar uma nova visão do mundo.

O PERFIL DO 3º ANO DE MAGISTÉRIO.

I- IDENTIFICAÇÃO GERAL:

O 3º ano MAGN conta este ano com 28 alunos matriculados, em grande maioria (67,85%) do sexo feminino, mas com 32,14% do sexo masculi-

no. A faixa etária preponderante (65,51%) é de “22 a 30 anos”, o que caracteriza uma preponderância de pessoas adultas, mas temos uma representação significativa (20,68%) de pessoas mais jovens formada por alunos de “até 21 anos”, e outra parcela de 13,79% de pessoas com “mais de 30 anos”. A idade máxima encontrada na turma é de 47 anos.

Quanto ao estado civil, a maioria absoluta (79,31%) é formada por “solteiros”, com uma representação de 14,48% de “casados” e apenas 3,57% de “separados”.

Quanto às horas de sono diário, a maioria absoluta (57,14%) dorme “menos de 8 h”, 25,00% dorme “8 h” e 17,85% dorme “mais de 8 h” por dia.

Quanto à saúde, a grande maioria (67,85%) declara que possui “boa”, 25,00% diz possuir “regular” e apenas 3,57% confessa ter saúde “insuficiente”.

Quanto ao trabalho, a maioria absoluta (67,85%) trabalha e uma faixa de 25,00% não trabalha no momento. Destes que trabalham, 35,71% trabalham em empresas privadas ou como autônomos e 28,57% em empresas públicas. Observa-se que neste conjunto de trabalhadores. 32,14% trabalha em atividades ligadas a educação¹⁹ e, 35,71% desenvolvem outros tipos de atividades do mercado informal, formal e em atividades políticas²⁰. Quanto às horas de trabalho, dos mesmos: a maioria (32,16%) trabalha de “6 a 8h” por dia. 14,28% “mais de 8h”, e 10,71% “menos de 6 h”.

Quanto à satisfação diante da vida, a maioria (71,42%) se considera “feliz”, 25,00% diz levar uma vida “média”.

II- EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA

Quanto à INTRODUÇÃO À FILOSOFIA, 39,28% declara que o aproveitamento foi “bom”, 35,71% “insuficiente” e 25,00% “regular”. Os que consideram o aproveitamento insuficiente, declaram como causa os seguintes motivos: “falta de clareza do professor”, “linguagem não compreensível”, “complexidade dos textos”. Os motivos

¹⁹ Como Magistério, Supervisão, Aulas de inglês

²⁰ Temos um aluno que é Deputado Estadual. Aliás, no ano passado também tivemos outro aluno Deputado Estadual.

expressos por aqueles que acharam o aproveitamento bom se concentra, “no esforço individual para aprender”.

Quanto A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO I, a grande maioria (82,14%) diz que teve um aproveitamento “bom”, apenas 17,85% diz que foi “regular”. Os motivos do bom aproveitamento foram: “a boa didática do professor” Os motivos declarados por aqueles que tiveram um aproveitamento regular concentram-se na “complexidade das exposições”.

Quanto ao que gostariam de estudar, temos um leque de interesses que perpassa pelos mitos, religiões, filosofia contemporânea, tendências pedagógicas, origem do conhecimento.

III - EXPERIÊNCIA ESTUDANTIL:

Quanto aos objetivos acadêmicos, quase a totalidade da turma (98,00%) quer fazer pós-graduação, nos seguintes níveis: 35,71% “mestrado”, 32,14% “especialização”, 28,56% “doutorado”.

No que se refere ao estudo de língua estrangeira, a grande maioria (78,57%) não estuda nenhuma, e apenas 17,85% estuda o inglês e no nível “princípioante”.

Quanto às horas por semana que estudam ou pretendem estudar Filosofia da Educação II 32,14% diz estudar “3 h.”, 14,18% “8 h”, outros 14,18% responde vagamente dizendo “o necessário”, 7,14% “1 h”.

Quanto aos dias da semana onde se localizam esse estudo, a maioria (28,54%) se concentra no meio da semana, 17,85% nos finais de semana, mas 21,42% não sabe ao certo.

Quanto ao modo de estudo. 39,28% prefere o “estudo individual” e a mesma percentagem de 39,28% estuda individualmente ou em grupo, dependendo do assunto ou do grau de dificuldade”.

Quanto às leituras, 71,42%²¹ declara que lê jornais e revistas, 25,00% lê livros científicos, 10,71% romances e poesias e 3,57% assuntos religiosos. No que diz respeito ao tempo de leitura por dia 28,57% lê “3h, 17,85% 1h, outros 17,85 2h, e 14,28% não respondeu.

Quanto à pesquisa, 85,71% diz que já pesquisou de alguma forma, enquanto apenas 7,14% declara que nunca pesquisou. No entanto

a quase totalidade (78,57%) destas pesquisas foram trabalhos escolares, 3,57% por necessidade de trabalho e outros 3,57% ligados a um projeto de extensão universitária. Apenas uma pesquisa foi publicada no Jornal de Educação Física.

Quanto aos trabalhos, 85,71% já escreveram trabalhos escolares, 7,14% declara que nunca escreveu. No entanto 85,71% nunca publicou nenhum trabalho e apenas 7,14% chegou a publicar trabalho no Jornal de Educação Física.

IV-QUANTO AO PROJETO PROFISSIONAL E PESSOAL:

28,57% visa desenvolver um projeto pedagógico de educação, 21,42% quer trabalhar dentro de sua licenciatura-Magistério, ou seja, trabalhar na profissão, lutando pela melhoria da educação brasileira. Uma outra parcela menor (14,28%) visa trabalhar com pessoas carentes, 10,71% quer montar uma escola oficina, uma escola creche, enfim sua própria escola, 7,14% visa receber o diploma de graduação visando uma melhor gratificação salarial.

V-O QUE O PROFESSOR PODE AJUDAR:

71,42% diz que “nas orientações pedagógicas e ajuda para construção do conhecimento” 3,57% pede que “o professor seja compreensivo”, 3,57% espera “aulas dinâmicas” e outros 3,57% não soube o que dizer.

VI-OBSERVAÇÕES ABERTAS:

As observações foram no sentido de que a disciplina, mais precisamente a Filosofia da Educação II, muito poderá lhes ajudar na busca do conhecimento, no respaldo teórico para formulação do seu projeto de educação, ou seja, lhes fornecer o embasamento que norteará sua prática educacional.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES E PERGUNTAS A TÍTULO DE CONCLUSÃO INCONCLUSIVA.

A primeira observação que salta aos olhos é

²¹ Neste item as percentagens são cumulativas e por conseguinte não exclusivas.

a riqueza do material coletado e do trabalho em si, que nesta fase não quisemos desenvolver com métodos específicos, nem esgotá-lo, mas publicar, torná-lo público neste tempo de “privatizações”. publicamo-lo de um modo geral, e com um “approach” quantitativo, única maneira que encontramos para resumí-lo ao espaço de um artigo.

Porque não trabalhá-lo posteriormente, interdisciplinarmente e refleti-lo em conjunto com a Coordenação de Curso, com a Direção do Centro, e com os próprios alunos? Porque não se fazem mais trabalhos interdisciplinares na UEPA?

A questão das turmas serem formadas na grande maioria, e uma delas na totalidade, por alunos do sexo feminino. Aliás é uma questão tradicional nos cursos de Pedagogia. Porque esta orientação? Este “destino”? teria a ver com a “natureza,” da mulher? e/ou com as condições históricas, culturais? Seria uma questão de facilidade? de desvalorização do Curso? É claro que preliminarmente temos um problema de Antropologia Sexual a discutir²² perpassando pelos sentidos do “feminino (o segundo sexo)²³ do “masculino”, (o outro, semelhante o inimigo?), do “ser mulher”, do “ser homem”, seus modos de “ser, parecer e existir” em meio aos mal entendidos e as contestações. No terreno, as vezes silencioso e atrasado da Filosofia²⁴, os modelos tradicionais não resistem mais ao crivo de uma crítica abundante mas nem sempre homogênea que a reflexão contemporânea nos tem fornecido. Nos vários campos das ciências quer queiramos ou não estamos situados num universo feminino, com sua visão de mundo, seus hábitos, sua formação, sua sensibilidade, seus anseios e sonhos, sua disponibilidade e seu limite. Mesmo negando e não querendo discutir o problema teórico (e esta já é uma posição teórica), estamos nesta situação “de fato”. Pelo menos não deveríamos refletir sobre ela? Faz sentido a observação de M.T. *Nidelcoff* quando pensando em “uma escola para o povo”, diz que entre os temas do conteúdo para as classes populares deveria haver um sobre a “problemática da mulher²⁵”. Porque não incluir este tema, como também “a educação popular”, acrescentamos nós, nos nossos currículos pedagógicos universitários?

Uma questão que assusta e que é sempre

escamoteada. A interferência do horário de trabalho na frequência dos primeiros horários noturnos. Se não podemos dar bolsas (será que não podemos mesmo?) aos nossos alunos trabalhadores e exigir que eles apenas estudem, como se fazem em alguns cursos de “excelência” por este Brasil, que exigem “dedicação exclusiva” dos professores e dos alunos, porque não, pelo menos garantir a frequência mínima nas aulas? Se não for possível, porque não em vez de mascararmos a situação, pensarmos em outras alternativas mais adequadas como o “ensino a distância”? Não adianta os alunos pedirem “compreensão do professor” para ignorar as faltas e os atrasos sistemáticos, nos dias de aula e de avaliação. Sabemos que a grande maioria de nossos alunos noturnos precisam trabalhar para sobreviver, e sabemos da utilidade do trabalho para o amadurecimento do ser humano, mas sabemos também que precisam estudar para terem competência profissional e que geralmente não dá para conciliar as duas coisas. Como resolvê-la? Porque não se discute os problemas dos cursos noturnos, dos horários, das possibilidades e dos limites acadêmicos?

A questão do projeto profissional pessoal dos alunos - uma questão esquecida na Universidade. Os alunos já estão terminando o curso e geralmente, nunca pensaram no seu projeto de existência e profissional. O que querem fazer quando terminarem a Faculdade? Ousadamente pensamos que esta seria uma questão importante para o Vestibular. Iria nortear a orientação, a escolha do Curso e Habilitação. Assim como um candidato a um Curso de pós-graduação faz um projeto de pesquisa que pretende desenvolver, porque um candidato à graduação, guardadas as proporções, não poderia expressar, ainda que nebulosamente, ainda que provisoriamente, ainda que com dúvidas, o seu pro-

²² Coimbra C. Le Probleme d'Anthropologie Sexuelle en Simone de Beauvoir, EMACAS, Fac Cath, de Lille, Lille. Fr., 1970

²³ Beauvoir S, O Segundo Sexo, 2 v. Ed. Dif. Européia do Livro SP, 1961.

²⁴ Guilluy P., Philosophie de la Sexuelleté, in: Études de Sexologie, Ed. Bloud & Gay, pg 97; Metzke E., Anthropologie des Sexes, Rev. Lumière et Vie 43(1959) p. 27; Jeannière A., Anthropologie Sexuelle, p. 17

²⁵ Nidelcoff M.T, Uma escola para o povo, Ed. Brasiliense, 1991,

jeto profissional, que seria trabalhado, esclarecido, discutido, fundamentado teórica e praticamente durante o Curso? O que ele quer ou não do Curso? Eis uma pergunta fundamental que não é feita. Aliás é a questão da prática que geralmente é exilada dos cursos teóricos da Universidade e que deve ser colocada.

A questão da pós-graduação. Quase a totalidade das turmas, inclusive as noturnas, que não tem tempo nem para freqüentarem as aulas, quer fazer Pós-Graduação e alguns querem até o Pós-Doutorado. Como dizem os ingleses, "It's too good, to be true". Porque isso? Qual a idéia que fazem de Pós-Graduação? E isto num universo que não faz pesquisas científicas, nem fala, nem estuda nenhuma língua estrangeira? Talvez isto mostre uma vontade de estudar, de progredir, de se qualificar, mas talvez mostre ainda muitas ilusões e equívocos. Porque não se trabalha a questão? Parece-nos uma questão pertinente e urgente.

A questão da pesquisa. Quase a totalidade já pesquisou, mas são pesquisas escolares para trabalhos passados. Primeiro ha uma questão de ordem. Porque a Metodologia da Pesquisa é apenas dada, quando há professor, no penúltimo ano? Porque não transferi-la para os primeiros anos, e habituar nossos alunos a trabalhar cientificamente em pesquisa? É verdade que primeiro, nós professores deveremos saber e praticar habitualmente a

pesquisa, para concomitantemente lançarmos nossos alunos no trabalho. Mas julgamos que na própria UEPA, os alunos de Formação de Professor de 1ª a 4ª série (antigo ISEP), já tem uma experiência a respeito. Porque não aproveitá-la? Poderia ser uma outra dimensão para o trabalho interdisciplinar.

A questão das línguas estrangeiras. Porque não montar cursos permanentes, como na UFPA, de cursos abertos a professores, alunos e funcionários nos vários Campos da UEPA e em horários que facilitem a freqüência?

A questão da Filosofia. É óbvio que deve haver um entrosamento, um planejamento, uma avaliação permanente dos cursos, dos professores, e não apenas dos alunos de Filosofia. Isto tentamos fazer em Filosofia II, durante cada ano acadêmico com nossos alunos e monitores. Seria interessante adotar alguma prática institucional? Como? Qual?

Pensamos que tudo isto teria o mérito de sacudir, de mexer com a "vida dos professores" da UEPA, seus hábitos de vida, suas emoções e paixões, suas condições de ensino, seus salários, sua formação intelectual e profissional, seus projetos, seus compromissos, e sobretudo sua grandeza humana e sua "alegria/felicidade" em ser professor/pesquisador.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ABRAHAM A., *L'Enseignant est' une personne*. ESF, Paris, 1984.

AGOSTINHO S., *Confissões* Migne P.L, vol. 32/47.

ALTHUSSER L., *Aparelhos Ideológicos do Estado, Posições 2*. Graal, RJ, 1980.

BALL S. e GOODSON I.F., *Teather's live and careers* Falmer Press, London, 1989.

BAUDELLOT/ESTABLET, *École Capitaliste en France*. Masperó, Paris, 1971.

BOURDIER/ PASSERON, *A Reprodução*. Francisco Alves, RJ., 1975.

BOUVOIR S., *O Segundo Sexo. 2 vols.* Dif. Européia do Livro, SP, 1961.

COIMBRA C., *Le problem d' Anthropologie Sexuelle*

en Simone de Beauvoir EMACAS, Fac. Cath. de Lille, Lille-Fr 1970.

COIMBRA C., BRAGA L. DE SOUZA M.P.S., AIRES M.V., LOBATO T., O Perfil Sócio-econômico-cultural dos alunos da UEPA, Relatório pesquisa. UEPA, Belém, 1993.

CORTOIS B. e PINEAU G., *La formation expérientielle des adultes*. La documentation Française, Paris, 1991.

GIDDENS A., *Modernity and Self Identity*. Polity Press, Cambridge, 1991.

GUILLUY P., "Philosophie de la Sexualité" in *Études de Sexologie*. Bloud & Gay, Paris, 1965.

- HEIDEGGER M.**, Sein und Zeit. Max N. Verlag, Tübingen, 1963.
- JEANNIÈRE A.**, Anthropologie Sexuelle. Éd. du Seuil, Paris, 1966.
- KIERKEGARD S.**, *Post-Scriptum aux a Miettes Philosophiques*. in. Gesammelt Werke, Ed. Hirsch, Düsseldorf-Colônia, 1951.
- METZKE E.**, "Antropologie des sexes; in: Rev. Lumière et Vie 43 (1959), pgs.27 seg.
- NIAS J.**, "Changing Times, Changing Identities: Grieving for Lost Selt" *Educational Research and Evaluation*. R. Burgess, The Falmer Press, Londou, 1991.
- NÓVOA A.**, (org), Vidas de Professores Ed. Porto, 1992
- PASCAL B.**, *Pensamentos, nos 193 e 339*. Difusão Européia do Livro, SP, 1961. Nean W/GrúP
- SARTRE J.P.**, *l'Être ei le Neant* Gallimard, Paris, 1943.